

Identidade como Variável Interveniente ao Desenvolvimento Local: Um estudo de caso no Distrito de Lavras Novas

Patrícia Rosvadoski-da-Silva¹
Rodrigo Gava²
Leonardo Pinheiro Deboçã³

Resumo

Nesta pesquisa analisou-se o construto desenvolvimento local, a partir das características identitárias da comunidade nativa do Distrito de Lavras Novas enquanto interveniente à dinâmica turística que ali se estabeleceu. Objetivou-se **compreender como a identidade da comunidade pode ser considerada uma variável interveniente ao processo de desenvolvimento local de Lavras Novas**. O referencial teórico discutiu o turismo como propulsor ao desenvolvimento local, seguido de uma discussão sobre identidade enquanto variável ligada a culturas e significados relacionados e inter-relacionados, sendo estes, alavancas ao desenvolvimento local. A abordagem utilizada foi a qualitativa e os dados foram coletados por meio de entrevistas aos gerentes ou proprietários das pousadas e restaurantes, representantes das entidades de representação, os nativos e representantes do poder público. Conclui-se que em Lavras Novas a identidade local apresenta diversas facetas. Ao mesmo tempo em que a história e a cultura do povo do Distrito atraem a atenção de uma significativa parcela dos turistas (fenômeno que era ainda mais expressivo no início da atividade turística), essa identidade é também o ponto que separa a população que vive em Lavras Novas em nativos e extra nativos.

Palavras Chave: Identidade. Turismo. Desenvolvimento Local.

¹ Mestranda em Administração - Universidade Federal de Viçosa. Bolsista Capes. Bacharel em Turismo – Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. patirosvadoski@gmail.com

² Professor Adjunto Universidade Federal de Viçosa. Doutor em Administração - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getulio Vargas (EBAPE/FGV). Mestre em Extensão Rural - Universidade Federal de Viçosa (UFV). Especialista em Gestão Estratégica de Marketing pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Graduado em Administração pela UFRV. rgava@ufv.br

³ Professor Assistente – Universidade Federal de Viçosa – *Campus* de Rio Paranaíba – UFV/CRP. Doutorando em Administração – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Mestre em Administração – Universidade Federal do Paraná – UFPR. Graduado em Administração com Habilitação em Administração de Cooperativas – Universidade Federal de Viçosa – UFV. leonardopd@gmail.com

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Introdução

Este artigo se propõe como uma análise do desenvolvimento local tendo por referência as características identitárias da comunidade nativa do Distrito de Lavras Novas, no município de Ouro Preto, no contexto de expansão da atividade turística no Distrito.

Lavras Novas é um dos doze distritos do Município de Ouro Preto no estado de Minas Gerais. Há mais ou menos 30 anos passou a receber um fluxo de turistas. Nos últimos 15 anos este fluxo passou a ser mais intenso, o que dinamizou a pequena comunidade de pouco mais de 900 habitantes.

Este novo fluxo se faz não apenas em função dos turistas, como também de muitos investidores externos ao local, muitos dos quais, primeiros turistas de Lavras Novas que viram no Distrito também uma oportunidade de investimento.

Compreender o turismo enquanto atividade propulsora a um desenvolvimento local pressupõe ponderações sobre seus efeitos não apenas sobre o espaço, mas também, e principalmente sobre as pessoas que ocupam e usam este espaço no qual a atividade turística se insere, ou seja, um olhar sobre o território.

Diante do exposto, partindo da experiência de Lavras Novas, este trabalho objetiva **compreender como a identidade da comunidade pode ser considerada uma variável interveniente ao processo de desenvolvimento local.**

A partir desta introdução este artigo está estruturado da seguinte forma: referencial teórico abordando os temas turismo e desenvolvimento local e Identidade, seguido dos procedimentos metodológicos, análise dos resultados e por fim as considerações finais. Este trabalho é recorte de uma dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós Graduação em Administração Pública da Universidade Federal de Viçosa.

1. Referencial teórico

O referencial teórico procura conceituar e discutir o turismo como propulsor ao desenvolvimento local, seguido de uma discussão sobre identidade e suas ligações com a questão cultural e de significados, como intervenientes ao desenvolvimento local.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

1.1 Turismo e Desenvolvimento Local

A atividade turística é considerada umas das atividades econômicas mais lucrativas e importantes na atualidade. De acordo com a Organização Mundial do Turismo – OMT – apenas no ano de 2010 mais de 900 milhões de turistas realizaram viagens internacionais (Brasil, 2011), a expectativa para os próximos dois anos é que esse número alcance a marca de 1 bilhão.

O turismo corresponde a um setor multifacetado e que além do impacto econômico e a geração de emprego e renda mexe com a vida cotidiana da comunidade receptora, e por isso deve ser estudado e implementado com muita presteza, desta feita, está entre as características da atividade turística a sua complexidade principalmente em função das inúmeras relações que giram entorno de do mesmo.

Em relação à caracterização do turismo pode ser feita como:

Um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (De La Torre, 1992, p. 11).

Trata-se de um auxiliador na intensificação de trocas culturais e sociais, além de chamar a atenção para questões de conservação e preservação do meio ambiente.

O conceito de desenvolvimento local, que começou a ser debatido nos últimos anos, é entendido como um processo endógeno, em que se implementam mudanças passíveis de aumentar as oportunidades sociais, a viabilidade econômica e as condições de vida da população (Franco, 2000). Desta feita, o desenvolvimento local, com base nas atividades turísticas, deve envolver a sociedade, o ambiente e a economia, que interatuam e se reforçam mutuamente, em uma conjuntura em que a diversidade social e cultural e a diferenciação produtiva sejam empregadas como recursos potenciais para transformações com vistas ao desenvolvimento. (Berton et al, 2005).

É nesse contexto que se insere a atividade turística como propulsora ao desenvolvimento local, de forma que instigue e motive a comunidade a ser protagonista do próprio desenvolvimento, isto é, ser responsável pela evolução da atividade e em decorrência a principal apropriadora de seus benefícios, assim, no contexto em que se sugere as ações e as estratégias para o desenvolvimento, estes devem partir de dentro para fora e não ao contrário.

Para Martins (2005) ser protagonista alude a uma postura proativa que deve ser adotada por cada morador em uma luta diária por melhor qualidade de vida e isso abrange tanto condições

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

materiais como imateriais. Está relacionado com o interesse, a disposição e disponibilidade da comunidade em enfrentar os problemas de forma coletiva, isto leva a duas condições importantes para o desenvolvimento local: “a participação e o sentido de pertencimento a uma comunidade ou lugar” (Martins, 2005, P.110).

Assim, na perspectiva da atividade turística como possível promotora do desenvolvimento local, alguns desafios devem ser considerados, principalmente no que diz respeito à identidade cultural da comunidade, compreendendo de que forma a atividade pode ser utilizada como provedora econômica, sem deixar que a cultura local, patrimônios e manifestações religiosas sejam reduzidas a um produto turístico.

1.2 Identidade

Os estudos que consideram em seu escopo a questão da identidade acabam por manter ressaltadas características que singularizam a realidade brasileira por meio de seu povo. Como retratado por Ribeiro (2006), a miscigenação que se formou a partir do negro, do índio e do europeu fez surgir uma “gente nova”, manifestando várias identidades em um só povo, e não somente uma nova versão para suas origens. O processo de colonização teria agido como força dessa unidade. Assim, foi com:

o início das atividades econômicas e os vários ciclos produtivos que se seguiram que permitiram não só a expansão territorial, como a geração paulatina da concepção da identidade nacional. Com a intensificação do comércio com outras nações, foi possível a formação de recursos que facilitaram a independência política do País. Chegando à república, um suficiente processo histórico teria se formado, misturando povos e formando uma identidade nacional, consolidada sobre um território e uma história comum (Ribeiro, 2006, p xx).

Na formação brasileira é possível assumir que a identidade nacional parte da ideia de muitos “Brasis” e que seriam as mudanças, no sentido de processo, modernização, progresso, revolução (na direção da independência e autonomia) e as continuidades, no sentido de estrutura, permanência, tradição, resistência e conservadorismo, as categorias essenciais na orientação para interpretação do Brasil (Reis, 2005).

Para Souza (2007), nenhuma identidade se faz de forma mecânica e absoluta nos indivíduos, a dinâmica social se desenrola diante de uma relação de poder na qual setores dominantes da população desejam construir uma imagem de si mesmo e uma reprodução histórica que seja compatível com seus interesses. Além disso, não existem alteridades integrais e homogêneas representadas por cada identidade, pois nações ou locais distintos desenham suas identidades em interação e não em isolamento, o que leva Souza (2007) a concluir que identidade

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

alguma é estática. Argumento corroborado por Gava (2009), que afirma que são redesenhadas no decorrer da história da qual faz parte, ou seja: “a identidade nacional não deve ser compreendida de forma isolada”. E quando nos voltamos ao local, estamos expressando um sentimento de pertencimento a um determinado lugar, caracterizada como identidade social e que normalmente está relacionada a critérios referentes a locais específicos e de forte ligação pessoal.

Dessa forma, a identificação com o local⁴ também passa a ser percebida como “um significado a partir do qual se relacionam referências de valor mais abstrato, relativo à dinâmica social dos que vivem sobre este espaço, e de onde acabam, em alguns pontos, diferenciando-se de indivíduos e grupos de outros espaços”. Ademais, a identidade local assume a importância dessa fração específica de território no sentido de uma estratégia de enfrentamento das influências globais que os alcançam, ajudando a enfrentar tendências homogeneizantes (Gava, 2009).

Castriota (2009, p.12) observa os perigos da mundialização, entretanto, busca demonstrar que esse movimento de uniformidade produzido pela globalização também pode despertar sentimentos de um orgulho local, como uma necessidade de afirmação e um desejo entre os moradores de se mostrar ao mundo, já que agora ele está todo interligado, a sua cultura popular e as diferenças. Assim, apresenta alguns pontos que a mesma pode contribuir para a preservação da identidade local e destaca que

o fato é que se, por um lado, a globalização, baseada nos modelos econômicos e políticos neoliberais, fortalece os meios de comunicação de massa como principal fonte de consumo da maioria da população, o que poderia significar um enfraquecimento das culturas locais, por outro lado, o que se vê, quase como um contra-movimento, é o reaparecimento e a asserção das próprias identidades culturais locais.

No mesmo contexto das revelações apontadas emerge o crescente renascimento de tradições culturais que aparentemente estavam desaparecidas, além da valorização de formas tradicionais de viver e produzir. Isso, porque a noção de identidade territorial acaba aglutinando potencial mobilizador, inclusive como ação propulsora de novas estratégias no processo de desenvolvimento. Trata-se de um produto da interação entre os atores sociais, configurando um saber, um modo de fazer, ou, no geral, uma cultura local. A identidade se caracteriza, então, como articuladora do território, “uma complexidade [...] da interação indivíduo-ambiente, mas não [...]

⁴ Torna-se importante esclarecer que neste contexto, local será percebido pela menor dimensão fragmentada do território, opondo-se ao nacional ou estadual.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

uma mera ligação com determinado lugar, como pelo facto de nele ter nascido". "Mais do que isso, refere-se a uma experiência vivida e que a ele fique impregnada" (Gava, 2009, p. 120).

Como identidade se entende o processo de construção de culturas e significados relacionados e inter-relacionados. Esta construção é caracterizada como uma busca ininterrupta do indivíduo frente aos demais da própria sociedade ou ao que ele considera 'ameaças externas'. "Destá construção resulta o sujeito, entendido como aquele que se individualiza na construção de sua própria história ou o 'ator social coletivo' que alcança o 'significado holístico em sua experiência'" (Martins, 2005, p.113).

A esse respeito, Santos (1994, p. 272) diz que "A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade, os lugares respondem ao mundo, segundo os diversos modos de sua própria racionalidade". A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos, regidos por essa lei única que os constitui em sistemas. A ordem do lugar é associada a uma população contígua de objetos reunidos pelo território e, como território regido pela interação entre os mesmos (Ramalho Filho, 2004).

É no lugar onde os fenômenos naturais e humanos acontecem, por isso (Martins, 2005, p.112) "não é apenas porção e sim síntese da totalidade socioespacial". Dessa forma, há uma "ordem local" diretamente agregada ao dia a dia das pessoas, cujas características são a copresença, a vizinhança, a intimidade e a cooperação (Santos, 1996a). Dessa maneira a sociedade se identifica pela relação tanto entre as pessoas como entre estas e o seu entorno, "pautada na interdependência e na comunidade de interesses, mas também, e principalmente, no cotidiano conflitante e solidário vivido em comum (Martins, 2005, p.112)

"A força do lugar" existe em função de um território partilhado e identificado por meio de uma consciência comunitária, onde sua essência é a própria história vivida em comum (Santos, 1996a), entretanto é no território que os fatos adquirem significado e se tornam socioespaciais já que, o lugar é exposto às pessoas pela sua materialidade, por meio da sua aparência familiar dos elementos que o contemplam.

O lugar, o espaço é parte inerente da identidade de uma pessoa, desta forma indissolúvel da cultura e da história. O sentimento de pertencimento ao lugar é assim primordial à consciência coletiva, ou seja, é a "percepção mais ampla do entorno e a identidade de interesses entre o indivíduo e a coletividade" (Martins, 2005, p. 112).

Le Bourlegat (2000) apud Martins (2005) aponta que é o sentimento de pertença a determinado lugar, enquanto conjunto e resultado de uma vida cotidiana que está entre um tipo de energia intangível, isto feito, pode e deve ser incorporado como alavanca para o desenvolvimento, neste caso, o desenvolvimento local, Martins (2005) aponta como um conceito de desenvolvimento que estima o lugar como uma referência territorial e sugere estabelecer uma

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

afinidade de mútuo fortalecimento com a comunidade e sua identidade cultural, desta forma a comunidade afirma a sua identidade local ao reconhecer-se em uma história coletiva (Arocena, 2004).

Todos os elementos dessa identidade se elucidam somente e se compreendem na existência de uma história vivida em cada um dos habitantes da sociedade local. Entretanto, Arocena (2001) alerta para o fato de este reconhecer-se na história não apresentar nenhum sentido se é para ficar em um olhar nostálgico do passado.

Somente adquire toda a sua potencialidade quando a força dessa carga histórica provoca questionamentos sobre o presente, o passado e o futuro, a identidade se converte em alavanca para o desenvolvimento quando leva a descobrir a possibilidade de atuar, mas este descobrimento só é real, só gera realizações quando o indivíduo ou o grupo que atua se reconhecem a si mesmos quando capazes de contribuir com algo para a comunidade. (AROCENA, 2001, p.220) (tradução nossa)

O autor ainda salienta a raridade de se encontrar, em uma mesma sociedade, fidelidade e autenticidade às suas tradições e ao mesmo tempo abertura a novas aprendizagens de novas pautas sociais e econômicas, isto porque a afirmação das identidades locais se apresenta normalmente em atitudes conservadoras e contrária a toda troca que signifique colocar em questão os costumes e hábitos adquiridos (Arocena, 2001).

2. Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa classifica-se quanto à sua abordagem como qualitativa compreendida como mais apropriada à profundidade de análise demandada pelo problema da pesquisa.

O universo desta pesquisa compreende o Distrito de Lavras Novas. Sechi (2010) define indivíduo como os grupos, pessoas e organizações que podem influenciar o processo político e que também possuem comportamentos dinâmicos correspondentes aos papéis que interpretam.

Os Sujeitos da pesquisa então foram: gerentes ou proprietários das pousadas e restaurantes, representantes das entidades de representação, os nativos e representantes do poder público. Este último foi composto apenas por representantes do poder legislativo, considerando então um vereador com representatividade em Lavras Novas e outras duas entrevistadas representantes da Câmara Itinerante.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, este foi baseado em fontes primárias e a técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista. Segundo Gil (1999) nas entrevistas prevalecem

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

pontos de interesse do pesquisador que podem variar, à medida que se fizerem presentes fatos novos e de interesse da pesquisa. O objetivo é deixar que o entrevistado fale livremente.

No quadro a seguir são apresentados os códigos referentes a cada entrevistado, a respectiva unidade de análise e a diferenciação, se nativo ou externo à comunidade:

Quadro 1: Identificação e Codificação dos sujeitos de Pesquisa

Código	Unidade de Análise	
E1; E2; E3; E4; E5; E6; E8	Empresa	Externo
E7; E9; E10	Empresa	Nativo
E11	Empresa	Externo/ Nativo
M1; M2	Mesa Administrativa	Nativo
P1; P2	Poder Público	Externo
N1; N2; N3; N4; N5; N6; N7; N8; N9; N10; N11; N12	Morador nativo	Nativo
A1; A2; A3	Associação dos Moradores	Nativo

Fonte: os autores (2013)

No que tange a análise dos resultados, partiu-se dos dados colhidos na pesquisa de campo. As entrevistas foram transcritas *ipsis litteris*, e depois codificadas para melhor identificação e uso das falas no texto.

A partir desta codificação iniciou-se a análise buscando interpretá-los à luz do quadro teórico construído, a fim de analisar e confrontar os aspectos e pontos que serviram de base para as conclusões.

Tendo em vista a concepção teórica de desenvolvimento adotada neste trabalho, que contempla uma pluralidade de atores e suas interações, intencionalmente valorizou-se as falas dos diversos atores na composição dos resultados do trabalho. A expectativa foi que as relações entre as variáveis estudadas fossem desveladas nas múltiplas vozes do sistema de atores, na medida em que se complementam ou se contradizem.

3. Análise dos Resultados

A identidade está diretamente relacionada ao ator local, isto é, é uma forma de expressão que vincula o homem ao seu território e dá a este o sentido apontado por Santos (1996) onde o espaço cujo conteúdo é constituído por objetos e pela ação do indivíduo.

Neste processo, não se está analisando simplesmente uma história de crescimento ou de estancamento econômico, tampouco se trata de algo que se define unicamente no interior de um sistema de relações de poder. Além do mais, o desenvolvimento é também um processo cultural que deve se levar em conta os mecanismos de socialização dos indivíduos e grupos.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

No Distrito de Lavras Novas, a característica identidade é muito forte na população local. P2 caracteriza a comunidade como autêntica e com uma identidade comunitária: “isso não é articulação política deles não, é, uma grande família, eles são eles, o jeito de falar, mexer”, isto é, a articulação existente na comunidade se pauta no modo de vida historicamente presente no contexto da Irmandade, não encontra ali um processo de planejamento em torno da atividade turística, ou mesmo uma articulação política, que oriente o desenvolvimento.

A resposta de N4 sobre a possibilidade de um dia mudar de Lavras Novas foi a mesma de todas os outros entrevistados da comunidade, de maneiras diferentes de dizer, mas todas com o mesmo significado: “(N4) não, não, pra mim aqui, eu nasci e criei aqui, pra lugar nenhum não tem vontade”.

P2 destaca o orgulho da comunidade em pertencer a Lavras Novas: “(P2) lá tem essa coisa muito forte, eles tem orgulho de ser Lavras Novas, são dali, são eles e não aceita muita interferência externa não”, questão também sentida na conversa com A3, mesmo o assunto sendo a relação com os investidores externos, na fala de A3 é possível perceber esta distinção em ser nativo e “os de fora”:

(A3) olha, igual nós que somos moradores aqui de LN, nativos aqui, nós até que não temos assim uma divergência com essas pessoas que vem procura emprego, vem de fora pra trabalha aqui não, mas também a gente não tem aquele laço neh, de amizade neh, cada um na sua, isso, cada um cuida do seu (...)alguns sim. Alguns sim. Mas outros, outros infelizmente vivem no mundo deles, não querem chegar no nosso mundo, é por que se eles chegaram aqui, encontraram a gente aqui, eles tem que procurar saber como que era a vida da gente aqui e procurar adaptar um pouco à vida da comunidade neh, infelizmente alguns não procuram fazer isso, são poucos, são poucos que fazem isso.

Esta afinidade com os não nativos e o não envolvimento social com eles também é destacado por E9: “(E9) (...) o povo aqui ainda é muito desconfiado em relação ao povo de fora, entendeu? Tipo assim, ainda é um povo, como que eu vou dizer, que ainda não ta, é abertamente assim”.

Arocena (2001) destaca que esse aspecto é difícil de encontrar, isto é, ter em uma mesma sociedade um lugar fidedigno e autêntico às suas tradições, ao mesmo tempo em que tenha abertura às novas aprendizagens e de novas pautas sociais e econômicas. Isto se deve ao fato da afirmação das identidades locais se apresentar normalmente em atitudes conservadoras e contrária a toda troca que signifique colocar em questão os costumes e hábitos adquiridos.

Estas características são decorrentes da fase comunitária da comunidade. De acordo com os relatos, entre os irmãos no Distrito, a principal característica sempre foi a solidariedade:

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

(N7) ainda hoje, isso aí é uma coisa que eu acho muito importante, é uma das coisas que eu falo que nós não pode deixa, não pode perde, é um povo solidário, muito bom, gosta de ajuda mesmo, se chega uma pessoa e precisa de alguma coisa, o povo num instante se reúne, vamo fazê isso, nós tamo precisando de junta agasalho pra tal lugar que tá assim, o povo junta tanto agasalho, ocê precisa leva alimento pra tal lugar, ocê chegou em casa todo mundo, é um povo muito bacana, bom, isso, isso, às vezes eu até falo, oh povo bão, entendeu, o povo bão, o povo bão, às vezes é ignorante, sim, mas não, eu nem culpo, às vezes a ignorância deles, é por que às vezes é o jeito de se defender uai, às vezes a pessoa é até meio ignorante porque é um meio de se defender, não sabe defender de outra forma, aí se defende desse jeito, não é nem, mas cada um acha um jeito de se proteger do jeito que sabe, entendeu, mas aqui o povo é muito bacana, muito bacana mesmo

Características também ressaltadas por M2:

(M1) não, não não tem, nossa minha filha, se o pessoal chega aqui hoje, se ocê for chegar, se você for na cachoeira e pedir informação, todo mundo te explica, se você vier pra Lavras Novas e sentar num barzinho todo mundo deixa você ficar sentado, se você sentar em frente a Igreja tirar uma foto, todo mundo deixa, mas se você pra Lavras Novas fazer bagunça, o pessoal te manda ocê pra fora de casa que eu já vi muita gente,

Arocena (2001) comenta que a noção de identidade local se baseia em reconhecer-se em uma história coletiva. Todos os componentes dessa identidade se explicam somente e se percebem a existência de uma história vivida em cada um dos habitantes da sociedade local.

É nesse aspecto que quando pensamos no local, estamos propagando um sentimento de pertencimento a um determinado lugar, diferenciada como identidade social e que geralmente está relacionada a critérios referentes à locais específicos e de forte ligação pessoal.

Outro aspecto que vai mantendo essa identidade no Distrito de Lavras Novas são as suas tradições que estão sendo preservadas, e um fato percebido durante as conversas é que, apesar das tradições, que são fortemente ligadas à Irmandade e por distintas do tradicional, não se observou um desejo que estas se tornem um dia produtos turísticos.

Para E6, essas tradições são mantidas principalmente por que a mesa administrativa trabalha isso em conjunto com as pousadas para respeitarem os dias de festa, por exemplo:

(E6) Por isso, eles... isso é porque a mesa administrativa feita por eles né , essa mesa ajuda que isso não permita ser eliminado, eles tem a preferência e as pousadas dão essa preferência, a pousada que não de eles não vem trabalhar, eles fazem piquete,todos todos temos que... nós que viemos pra cá, então nós temos que respeitar isso, se acaba isso o fascínio também acaba acredito eu,

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

então isso ter que ser muito respeitado e cultivado. Eles cultivam a identidade deles as historias...

Em relação à Irmandade, a função do Irmão também é cobrada pela mesa administrativa:

(M2) é o irmão, ele tem que participar da, do dizimo, ele tem que participar da festa, tem que participar de reuniões da comunidade, da assembleia, quando a mesa administrativa faz uma assembleia, ele tem que tá lá presente, esse tempo todo, pra depois ele considerar irmão, eu sou de Lavras Novas, lavranovense.

Como descrito acima, as tradições são mantidas, e em Lavras Novas existem muitas delas, e fortemente vinculadas à identidade da comunidade. As principais são relacionadas à festa da Padroeira Nossa Senhora dos Prazeres, às festas de São João, Semana Santa com a Encomendação das Almas e o enterro dos Irmãos⁵. Além dessas festas, a religiosidade da população local também é um traço marcante da comunidade. E10 e M2 comentaram sobre algumas:

(E10) A tradição nossa mais forte que nós temos aqui, o que que é, a festa religiosa que nós temos aqui, a festa da padroeira, que é sempre no mês de agosto, é uma tradição forte, o pessoal daqui somo tudo católico em devoção à ela, entendeu ... Tem são João também, a quadria, tem forró, nós sai pra Belo Horizonte pra toca, pra tudo lugar aí, se chama a gente, a gente vai

(M2) bate o sino 6 horas da manhã, um toque de sino diferente que dá neh, bate o sino pra avisar a comunidade que um irmão morreu, que perdemos uma irmã, aí a cidade toda percebe, alguém morreu, aí todo mundo vai, ajuda essas coisas, e tem também na, quando a pessoa vai ser, o sepultamento, então assim, por exemplo tá marcado pra 4 horas, toca o sino 3 e meia, aí vai os irmãos se vestiram de opas e carregar a cruz de prata, aí vai na casa da pessoa, que a pessoa aqui é velada em casa, na casa da pessoa e leva pra Igreja e depois da Igreja leva lá pro cemitério

(E10) É, o catolicismo aqui é forte, muito forte, aqui 100% é católico, entendeu, o pessoal tem muita fé na padroeira, inclusive Ela já livrou nois de muita coisa aqui, nós tem a festa dela, que no mês de agosto tem a festa, e tem a tradição de forró também neh, tem o forró pé de serra, que tem a banda aqui, eles chama a gente de jekitilavras, de Jequitinhonha com Lavras, que o vocalista da banda ele é de lá do Vale do Jequitinhonha e mora aqui, ele tem uma pousada aqui também, entendeu nós somo compadre, então nois fizemo uma banda de forró

⁵ Em 2005 foi lançado o filme **As Filhas do Vento**, dirigido por Joel Zito Araújo. Foi filmado no Distrito de Lavras Novas e no decorrer da história destacam-se tradições como o enterro de um irmão e a encomendação das almas. Entre os atores estão: Taís Araújo, Milton Gonçalves, Jonas Bloch, além da participação de pessoas da comunidade.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Não apenas as tradições de Lavras Novas mas também a formação da identidade comunitária estão vinculadas à Irmandade. Isso se caracteriza com a própria história das irmandades no Brasil.

Segundo Gomes (2009), estas instituições foram as responsáveis pela promoção da religiosidade entre os irmãos, pela prestação de assistência social aos seus associados, além de arregimentarem seus irmãos em torno da devoção do santo protetor e estimular, principalmente a devoção e o amor ao próximo. Esta definição, para Gomes (2009), se expressava na vida e na morte do irmão, pois se prestava assistência aos membros, mais particularmente na hora da morte, visto como ponto central vida dessas instituições. Gomes (2009) ainda destaca que as irmandades cuidavam para que seus membros tivessem enterros solenes distinguidos pela “pompa fúnebre”, e isto juntamente com as festas fazia parte da tradição cerimonial. A devoção era marcada como ponto estruturador do grupo.

Gomes (2009) destaca Oliveira (1995) ao caracterizar a devoção que era multiplicada em diversos episódios com a celebração dos cultos aos santos. Prática também adotada pelas suas congêneres medievais, como a prática da caridade, isto é, “visitar doentes e prisioneiros, acompanhar os padecentes ou assistir a órfãos colocados na roda de expostos e representava todo um leque de ações sociais marcadas por ideologias religiosas”. André Vauchez *apud* Gomes (2009) destacou que para os homens e mulheres das confrarias não importava uma religião mais sacramental: eles perseguiam uma religião mais prática e acessível. Para o autor citado, “Deus, embora representado como uma fonte de poder capaz de suplantar as várias formas do mal, era muito distante para ser acessível. Em função disso, os leigos se apossaram de seres intermediários, os santos ganharam uma grande importância na mentalidade religiosa medieval”.

Entretanto, apesar da identidade ser a marca maior da comunidade local, é fato que atividade turística leva um fluxo de pessoas de várias partes do país, pessoas de diferentes culturas, religiões, costumes e gostos. Em função disso, alguns entrevistados mostraram o receio com a perda paulatina da identidade:

(A1) fala que já perdeu um pouco a identidade, eles não sabe mais brinca, a gente adorava brinca de carrinho de, fazia aqueles carrinho igual rolimã sabe, descia aqui assim que não era calçado que nem louco, ocê não vê quase menino na rua em LN brincando, vai te ideia na identidade, não e sem conta que eles fala assim, nossa, vi uma menina bonita, aí um fala assim, filha de quem, não, não é daqui não, é turista, entendeu (...)ai, eu tenho até medo viu, sinceramente eu tenho medo, por que daqui nós mesmos, nativos moradores de Lavras Novas vamo perde a identidade,

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Nesse ponto também E9 apontou que o turismo foi bom para o lugar, pois trouxe uma melhora na qualidade de vida. Porém, também demonstra um certo medo da aculturação:

(E9) Positivo, eu acho que melhora é, o estilo de vida do pessoal, por que é uma renda a mais neh, eu acho que negativo vem muito é, mudanças de realidade, são realidades diferentes, até mesmo de culturas diferentes, então acho que assim, dá uma quebra às vezes na própria cultura local, que começa a se perder pela influência de várias outras culturas que você tem, você começa a se perder um pouco na qual é a sua, principalmente por ser um lugar muito pequeno, entendeu, então assim, Lavras Novas teve um crescimento assim, então a influência de fora é muito grande, então assim, os mais velhos tentam colocar na cabeça, então assim, a gente tá sempre mostrando como é a cultura local pra não se perder.

Ao passo que a ordem global busca infligir, a todos os lugares, uma única racionalidade, Santos (1994) diz que os lugares rebatem ao mundo, segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.

No que diz respeito ao receio de aculturação, Castriota (2009) aponta que esses os riscos de homogeneização que vramo acompanhados dos processos de mundialização, estando a atividade turística circunscrita nesse processo. O autor enxerga que este mesmo movimento pode produzir um efeito contrário, isto é, pode afirmar ainda mais a sua identidade, despertando ainda mais um sentimento de orgulho local, como uma necessidade de afirmação ao mundo.

Em suma, a identidade trata de um processo de interação entre os atores locais, isto configurado num processo de saber, um modo de fazer e/ou uma cultura local. Destarte, a identidade se caracteriza, então, como articuladora do território, “uma complexidade (...) da interação indivíduo-ambiente, mas não (...) uma mera ligação com determinado lugar, como pelo fato de nele ter nascido”. “Mais do que isso, refere-se a uma experiência vivida e que a ele fique impregnada” (Gava, 2009, p. 120).

Particularmente no caso de Lavras Novas, a ligação com o lugar tem papel preponderante no que se identifica como local, haja vista os conflitos que se percebe entre nativos e “os de fora” e o sentido de comunidade que se atribui mais exclusivamente àqueles que nasceram no Distrito.

Segundo Arocena (2001), a identidade pode se tornar uma alavanca para o desenvolvimento local somente quando adquirir toda a sua potencialidade e a força dessa carga histórica produzir interrogações sobre o presente o passado e agir em direção ao futuro.

Em Lavras Novas, a identidade local apresenta diversas facetas. Ao mesmo tempo em que a história e a cultura do povo do Distrito atraem a atenção de uma significativa parcela dos turistas (fenômeno que era ainda mais expressivo no início da atividade turística), essa identidade é também o ponto que separa a população que vive em Lavras Novas em nativos e os de fora.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Há forte identidade, com fortes vínculos com a história local, mas não ficam presos a saudosismo de outrora melhor que hoje. No entanto, também não se mostrou suficiente para promover ações significativas para alterar uma rota conflituosa e pouco satisfatória para as condições de vida local. Real mesmo, quanto ao papel da identidade, é um conjunto de iniciativas diretas para manter a irmandade e folclores e, indiretamente, possíveis ganhos que isto promoveria por meio da atração turística.

4. Considerações Finais

Ao passo que a ordem global busca infligir, a todos os lugares, uma única racionalidade, Santos (1994) diz que os lugares rebatem ao mundo, segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.

No que diz respeito ao receio de aculturação, Castriota (2009) aponta que esses são os riscos de homogeneização que veio acompanhada dos processos de mundialização, estando a atividade turística circunscrita nesse processo, o autor enxerga que este mesmo movimento pode produzir um efeito contrário, isto é, pode afirmar ainda mais a sua identidade, despertando ainda mais um sentimento de orgulho local, como uma necessidade de afirmação ao mundo.

Em suma, a identidade trata de um processo de interação entre os atores locais, isto configurado num processo de saber, um modo de fazer e/ou uma cultura local. Destarte, a identidade se caracteriza, então, como articuladora do território, “uma complexidade (...) da interação indivíduo-ambiente, mas não (...) uma mera ligação com determinado lugar, como pelo fato de nele ter nascido (...), mais do que isso, refere-se a uma experiência vivida e que a ele fique impregnada” (Gava, 2009, p. 120).

Particularmente no caso de Lavras Novas, a ligação com o lugar tem papel preponderante no que se identifica como local, haja vista os conflitos que se percebe entre nativos e “os de fora” e o sentido de comunidade que se atribui mais exclusivamente àqueles que nasceram no Distrito.

Segundo Arocena (2001) a identidade pode se tornar uma alavanca para o desenvolvimento local somente quando adquirir toda a sua potencialidade e a força dessa carga histórica produzir interrogações sobre o presente o passado e o futuro.

Em Lavras Novas a identidade local apresenta diversas facetas. Ao mesmo tempo em que a história e a cultura do povo do Distrito atraem a atenção de uma significativa parcela dos turistas (fenômeno que era ainda mais expressivo no início da atividade turística), essa identidade é também o ponto que separa a população que vive em Lavras Novas em nativos e os de fora.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Referências bibliográficas

- Arocena, J. De las ciencias sociales internacionales. Taller Internacional sobre Desarrollo local. **Boletín Electrónico Centro de Investigaciones Psicológicas e Sociológicas**, Ciudad de La Habana, Año 1, n. 3, p. 18-41, noviembre. 2004.
- Arocena, J. **El desarrollo local**: un desafío contemporáneo. Montevideo: Universidad Católica, 2001.
- Berton, L. H.; Cunha, S. K.; Cunha, J. C. Planejamento e governança de um cluster turístico. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), 29, 2005, Salvador. **Anais...** Salvador, ANPAD, 2005.
- BRASIL, MINISTÉRIO DO TURISMO. **Dados sobre o turismo internacional e doméstico**. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/home.html>. Acesso em: 03 jan 2013.
- Castriota, L.B. **Patrimônio Cultural**: Conceitos, Políticas, Instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- De La Torre, O. **El turismo, fenómeno social**, México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
- Franco, A. de. **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável**. Brasília: Millennium, 2000.
- Gava, R. **Autodeterminação Local E Desenvolvimento** : Uma Análise da Dinâmica Social no Município de São Roque de Minas. Tese de Doutorado. Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 2009.
- Gil, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Atlas, 1999.
- Gomes, D.G. As Ordens Terceiras em Minas Gerais: Suas interações e solidariedades no período ultramontano (1844-1875). In: Anais Do II Encontro Nacional Do Gt História Das Religiões E Das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em 16 fev 2013.
- Martins, R.S O. Desenvolvimento local e turismo : por uma ética de compromisso e responsabilidade com o lugar e com a vida. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. 2005.
- Reis, J. C. **As identidades do Brasil**: de Varnhagem a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- Ribeiro, D.. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- Santos, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- Santos, M. O retorno do território. in: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. Aparecida; SILVEIRA, M. L. (org.) **Território**: Globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994, p.15-20.
- Secchi, L. **Políticas Públicas**: Conceitos, Esquemas de Análise, Casos Práticos. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- Souza, R. L. de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira**: o diálogo entre Silvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.